

## **A sobrevivência dos vagalumes: a importância da imprensa anarquista para a memória do movimento operário brasileiro da Primeira República**

Levi Fernando Lopes Vieira Pinto<sup>1</sup>

### **Resumo**

“Primeiro, desapareceram mesmo os vaga-lumes?”, se pergunta Didi-Huberman. Mais a frente, continua: “Procuram-se ainda em algum lugar, falam-se, amam-se apesar de tudo, *apesar do todo* da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes?”. Nossa pesquisa em acervos na busca de documentos sobre o movimento libertário no Brasil do início do século XX, vem nos mostrando cada vez mais o processo de esquecimento histórico que o Estado se empenhou e ainda se empenha em relação as memórias dissidentes da época. Apesar da escuridão, da tentativa de apagamento do movimento anarquista do Brasil da Primeira República, nosso trabalho se propõe a trazer a imprensa subversiva da época, localizado em alguns acervos do Estado de São Paulo. Nossa narrativa pretenderá mostrar que esses documentos, mais que sobreviventes, resistem e procuram um espaço nas narrativas oficiais – e que, assim como os vagalumes, essas memórias subversivas ainda emitem seus “maravilhosos sinais intermitentes”. Foram consultados os seguintes acervos: a Unidade Especial de Informação e Memória (UFSCAR) e o Centro de Documentação e Memória (UNESP).

---

<sup>1</sup>Mestrando em Arte/Educação na linha de pesquisa em processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UNESP (Campus São Paulo). Graduado em Licenciatura em Música pela mesma instituição. Integrante do GPIHMAE (Grupo de Estudo e Pesquisa em Imagem, História, Mediação, Arte e Educação). Atua como gestor pedagógico no projeto socioeducacional Soarte, em São Paulo. Desenvolve pesquisa referente ao anarquismo, educação libertária, práticas da memória em movimentos sociais e em história da arte/educação. [levi.papageno@gmail.com](mailto:levi.papageno@gmail.com)

## **A sobrevivência dos vagalumes: a importância da imprensa anarquista para a memória do movimento operário brasileiro da Primeira República**

*É um tempo em que os “conselheiros pérfidos” estão em plena glória luminosa, enquanto os resistentes de todos os tipos, ativos ou “passivos”, se transformam em vaga-lumes fugidios tentando se fazer tão discretos quanto possível, continuando ao mesmo tempo a emitir seus sinais. O universo dantesco, dessa forma, inverte-se: é o inferno que, a partir de então, é exposto com seus políticos desonestos, superexpostos, gloriosos. Quanto às lucciole, elas tentam escapar como podem à ameaça, à condenação que a partir de então atinge a sua existência.*

Didi-Huberman. A Sobrevivência dos vaga-lumes.

*Estou convencido de que a memória tem uma força da gravidade.  
Ela sempre nos atrai.  
Os que tem memória são capazes de viver no frágil tempo presente.  
Os que não a tem,  
não vivem em nenhuma parte.  
Filme Nostalgia da Luz. 2015.*

### **Introdução**

“Desapareceram mesmo os vaga-lumes?” – a pergunta, não isenta de melancolia, nos provoca um desconforto; nos grandes centros urbanos, ou mesmo nos campos, parece não ser mais possível avistá-los como antes, em grandes grupos, perseguindo-se uns aos outros. É nesse tom melancólico e nostálgico que o cineasta Pier Pasolini publica, em fevereiro de 1975, publica o delicadíssimo “‘Il vuotodelpotere’ ovvero ‘L’articolo dele lucciole’” (“‘O vazio do poder’ ou ‘O artigo dos vaga-lumes’”, em tradução livre).

O objetivo deste trabalho, contudo, não é se debruçar ao texto de Pasolini, muito menos ao texto de Didi-Huberman. Porém, a poética dos vaga-lumes que parecem não encontrar mais seu espaço – mas que sobrevivem, segundo Didi-Huberman (2011) – consegue traduzir com a mesma potência a situação dos acervos, centros e espaços de memória do Brasil que guardam outra história, outra memória esquecida pela história oficial; mais que sobreviventes, são resistentes.

Mas por quê falar da imprensa anarquista? É preciso, contudo, considerar o quanto o movimento libertário no Brasil foi, incessantemente – sobretudo no seu tempo – perseguido e rechaçado pelos aparelhos ideológicos e repressivos do Estado e que, por sua vez, acabaram por conseguir que o movimento não só se desmantelasse como

também caísse gradativamente no esquecimento; os discursos e narrativas oficiais, em geral, são omissos ou falam de forma rasa sobre as experiências libertárias na Primeira República do Brasil. Os libertários ainda são vistos com “maus olhos” – e foi só a partir dos anos de 1980 que pesquisadoras e pesquisadores brasileiros começaram lentamente a trazer à tona suas memórias: finalmente pareciam se dar conta de que os vaga-lumes, cada vez mais raros em tempos de chumbo, ainda encontravam formas de sobreviver através da memória que transbordava num contexto em que o sufocamento do pensamento – tão levado ao extremo na ditadura militar brasileira (1964-1985) – reivindicava uma noite, onde os vaga-lumes pudessem finalmente voar como estrelas cadentes.

A frutífera produção de jornais e periódicos dos sindicatos libertários nessa fase, em particular, do Brasil da primeira República (período que compreende os anos de 1888 a 1930, ou seja, fins do século XIX e início do XX) parece nos revelar algumas características do movimento. Em primeiro lugar, podemos observar o engajamento em que os jornais se propõem a educar e empoderar as trabalhadoras e trabalhadores no que se refere as suas atuações políticas e ao contexto em que se encontravam. Os anarquistas acreditavam (e acreditam) que todos os espaços de atuação e de produção de sentidos na qual os seres humanos ocupam são palcos para a formação política dos sujeitos. Nesse caso, a educação acabou por tomar o protagonismo na militância de muitos anarquistas desse período e, sobretudo, também a educação pareceu sofrer um redimensionamento do seu conceito, tomando formas até então não plenamente consideradas, como a imprensa; é nesse aspecto que a formação ideológica, tão bem quista em periódicos como, por exemplo, o *A Vida* adquire um maior relevo em sentido, justamente por assumir na maioria das vezes um caráter pedagógico. É curioso notar que a imprensa era tão importante para os anarquistas que as escolas libertárias estimulavam a produção de pequenos boletins que traziam o dia a dia das suas atividades. No Brasil, por exemplo, as Escolas Modernas n. 1 e n.2 chegaram a contar com dois boletins distintos: *O Início* e o *Boletim da Escola Moderna*.

Outro ponto destacado é a necessidade de organização; os jornais produzidos nos mais diversos Estados brasileiros circulavam pelo país todo; os operários, dessa forma, tomavam cada vez mais consciência da precária situação de sua classe não só por suas experiências, mas através das experiências denunciadas em outros lugares do Brasil; claro, a maioria dos sindicatos ainda se encontravam nos grandes centros urbanos do Brasil, como era o caso de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador – e também em cidades do interior de São Paulo, como Sorocaba e Santos.

Para este trabalho, iremos considerar as análises de quatro publicações: o jornal *A Lanterna* e do jornal *A Vida*; porém, destacaremos os periódicos que circularam nas Escolas Modernas de São Paulo nos anos de 1914 a 1919: *O Início* e o *Boletim da Escola Moderna*, respectivamente. O conteúdo desses jornais estabelece um diálogo com a imprensa libertária que circulava nos sindicatos e nas fábricas por seu caráter não só ideológico e de propaganda, mas sem dúvidas do seu alto teor pedagógico.

Para a realização deste trabalho, foi imprescindível a visita aos pouquíssimos centros de memória que se encontram no Estado de São Paulo e que ainda conseguem proteger não só os jornais, mas também diversos tipos de materiais que sobreviveram a perseguição e

a ação do tempo: é o caso de móveis, livros, fotografias... “*apesar do todo* da máquina, apesar da escuridão da noite” (DIDI-HUBERMAN, 2011), há ainda espaços de memória mantidos pelas instituições públicas que se propõem a preservar o que, ironicamente, dedicaram parte de suas atuações em querer destruir. Dos acervos consultados, destacamos a Unidades Especial de Informação e Memória (UEIM), que faz parte da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); consultamos também o Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), localizada no centro da cidade de São Paulo.

Para este trabalho, também optamos por preservar a grafia da época ao reproduzirmos os textos dos jornais.

## **1. O jornal como resistência: os lampejos dos vaga-lumes.**

### **1.1. Breve consideração sobre os jornais *A Vida* e *A Lanterna*.**

Notícias, informes, recados, críticas, colunas de assuntos específicos sobre anarquismo, artigos a favor do feminismo, indicações de livros... as publicações anarquistas se engajaram, como dissemos, a trazer para o campo da imprensa a divulgação de seus pensamentos, suas lutas e suas práticas. Um exemplo disso é o periódico carioca *A Vida*. Com o seu primeiro número lançado em novembro de 1914, *A Vida* foi “a primeira revista teórica brasileira voltada para a formação ideológica e para a organização da classe operária”<sup>2</sup>. Com uma média de 17 páginas – maior que a quantidade que normalmente circulava em relação aos outros jornais libertários – esse jornal trazia conteúdos extensos e um pouco mais teórico. Logo no primeiro número nos chama a atenção pelo conteúdo na qual o jornal se propõe a trazer em debate com os seus militantes: a luta contra a burguesia, a emancipação da mulher, críticas contra a guerra e estímulo às greves. Porém, é importante destacar as colunas dedicadas a indicações de livros que abordam questões sociais e sempre um poema de caráter libertário e/ou social.

Há um contraste em relação ao jornal *A Lanterna*, produzida na cidade de São Paulo e tinha então como diretor o principal militante anarquista da época: Edgar Leuenroth. De dois números que consultamos deste jornal – os n. 955 e o n. 958, ambos de 1914 – notamos a quantidade reduzida de páginas, com o tamanho das palavras um pouco menor que o usual, mas com colunas e informas mais claros e objetivos e em grande quantidade. A forma de como *A Lanterna* era construída pode nos indicar que sua publicação sofria com falta de recursos – o que é importante considerar se levamos em conta que os sindicatos e o movimento anarquista de forma geral e que se propunham a manter essas publicações dependiam de doações e do auxílio da classe trabalhadora.

Em conteúdo, boa parte de *A Lanterna* trazia textos críticos também em relação a exploração burguesa, a questão da guerra, incentivava as greves, além de um ataque anticlerical mais pronunciado. Parte dos artigos presentes no jornal são traduções de militantes estrangeiros com longa atuação na Europa. No final de cada edição, havia uma página dedicada a anúncios das mais diversas ações dos militantes, como as

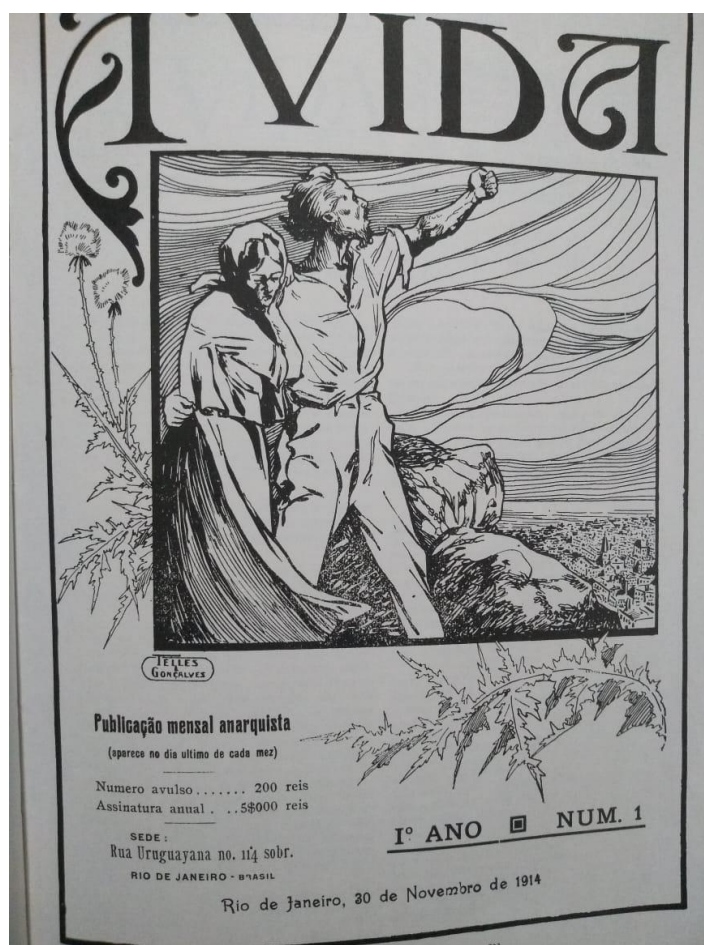
---

<sup>2</sup>Cf.: Introdução fac-simile *A Vida*.

próprias Escolas Modernas, cartões postais em homenagem a Ferrer, grupos de estudos e, sobretudo, indicações de livros publicados pela mesma editora do jornal.

A exposição de conteúdos de incentivo de luta e resistência, além da abordagem didática em relação ao conteúdo anarquista revela, em primeiro lugar, o quanto a educação tem um papel decisivo para a formação da classe trabalhadora e como ela pode extrapolar os lugares comuns, como a escola (PINTO, 2015: 34). Mas, o mais importante dessas publicações é a sua contraposição a imprensa oficial da época que, em geral, chamava os anarquistas e os trabalhadores de bandidos e reforçava cada vez mais a marginalização da classe trabalhadora operária na sociedade.

Figura 1 Capa da primeira edição do periódico carioca "A Vida", 1914.



Fonte: elaborado pelo autor.

Os jornais *A Vida* e *A Lanterna* nos trazem também outro dado interessante: seus diretores e seus colaboradores estavam dentro das fábricas como mão-de-obra; eram trabalhadores que estavam engajados na causa operária e que conseguiram representar e colocar em circulação a voz desses trabalhadores, já que os seus desdobramentos resultaram diversas vezes em grandes greves; Leuenroth, por exemplo, então diretor de *A Lanterna*, foi um dos responsáveis da Greve Geral de 1917, que paralisou a cidade de São Paulo em todos os setores, e contou com o maciço apoio da imprensa anarquista.

A consciência da importância das greves é chamada a atenção constantemente nos jornais. Em *A Vida*, por exemplo, na edição n. 1, encontramos duas reflexões sobre a

greve: na página 9, um pequeno texto intitulado “A razão das greves” e outro na página 13 com o texto “A Conflagração Europeia: Os trabalhadores e a gréve [sic]”. A imprensa anarquista se abria como uma “admirável visão dialética: capacidade de reconhecer no mínimo vaga-lume uma resistência: uma luz para todo o pensamento” (DIDI-HUBERMAN, 2011: 67) já que suas colaboras e colaboradores, a maior parte caído no anonimato e esquecimento, faziam da imprensa uma possibilidade de emitir aos seus pares um sinal de seus lampejos, na sempre necessidade de (re)existência.

E, por seu caráter assumidamente pedagógico, os jornais conquistaram um lugar nas experiências pedagógicas libertárias ocorridas na cidade de São Paulo.

Figura 2 Primeira página do jornal "A Lanterna", 1914.



Fonte: edição digitalizada cedida ao autor deste trabalho pelo CEDEM/UNESP.

## 1.2. Uma outra história: os pequenos periódicos das Escolas Modernas de São Paulo.

No cabeçalho, em letras pequenas, as seguintes epígrafes: (a esquerda) – *a luz dissipa as trevas*. (A direita) – *a razão emancipa as consciências* [sic]. Publicação de propaganda. Reinando no cabeçalho, o título: “O Início”. As folhas amareladas, a poeira da própria folha do jornal desgastado recobrando a superfície das palavras gastas; o cheiro meio seco. Estamos nos referindo ao pequeno periódico da Escola Moderna n. 1 que foi veiculado no ano de 1914 a 1916. “O Início” teve somente três edições, mas só conseguimos tomar contato com o segundo e o terceiro números. Esta não foi a única publicação de periódico que as Escolas mantiveram: mesmo que com as dificuldades financeiras, de 1918 a 1919 circulou, findo “O Início”, alguns números do “O Boletim da Escola Moderna”. Ambas pretenderam manter uma periodicidade mensal. Porém, suas publicações quase foram anuais, com exceção do “Boletim”, que chegou a ter dois números publicados em 1919 – ano do fechamento das Escolas Modernas.

Figura 3 Primeira página do jornal "O Início", 1916.



Fonte: elaborado pelo autor. Centro de Memória da Educação da USP.

As frases que encabeçam o periódico – *a luz dissipa as trevas*, como não nos deixarmos de recorrer a bela imagem dos vaga-lumes? – são uma forte evidência das práticas da educação defendida nas Escolas.

Como dito anteriormente, as práticas anarquistas foram intensivamente perseguidas no período que compreende o período da Primeira República. Das práticas escolares da Escola Moderna, os pequenos jornais foram uma das poucas coisas que restaram<sup>3</sup> e se tornam documentos e testemunhos por conseguirem trazer através de seus lampejos um pouco do dia a dia das Escolas. Ou seja, a “escola estava nos jornais e nos jornais estava o mundo, segundo os anarquistas” (AUGUSTO; PASSETI, 2008: 59). A criação da imprensa dentro da escola assumia uma dupla função: primeiro, como temos reforçado aqui, o caráter de propaganda das ideias e das atividades exercidas pelos libertários; e, segundo, considerando que boa parte da população operária se encontrava fora das escolas, os jornais se tornavam um espaço em que a trabalhadora/trabalhador, para além de se confrontar com sua realidade, pudessem também refletir, elaborar, pensar, se questionar, aprender, discutir outras questões que a falta de acesso a escola não permitia. Em outras palavras:

<sup>3</sup>Parte desses jornais se encontram no Centro de Memória da Educação da Universidade de São Paulo (CME/USP). O acervo do João Penteadó, diretor da Escola Moderna n. 1, encontra-se na UEIM/Ufscar. Nele se encontra parte da biblioteca da Escola Moderna n. 1.

A imprensa era divulgadora da escola libertária e ao mesmo tempo o seu *material escolar*, pois trazia, além das informações de ciência e arte, notícias atuais sobre a situação dos trabalhadores, seus filhos, habitações, saúde e informava sobre as variadas sociabilidades anarquistas (AUGUSTO; PASSETI, 2008: 58).

Por essa gama de possibilidades, a escola libertária adotou a prática da publicação de periódicos. No caso das Escolas Modernas de São Paulo, há também uma relação direta com a prática exercida com a *Escuela Moderna de Barcelona*. Segundo Francisco Ferrer y Guardia, militante catalão anarquista e fundador da *Escuela Moderna*, um dos motivos que o levou a criar um jornal para a sua escola foi, em primeiro lugar, como forma de se contrapor a imprensa oficial. É curioso notar, em seu próprio livro – cujo o título leva o nome da escola – a reação da imprensa local ao da experiência espanhola que oscilava de um lado para outro, ou seja, entre Ferrer e o Estado/igreja - ou, no melhor sentido, entre uma prática anarquista e uma burguesia conservadora. Logo no início do seu livro, Ferrer transcreve na íntegra a crítica positiva de um jornalista local. A crítica foi elaborada por conta da inauguração da *Escuela*, na qual Ferrer, para divulgar seu trabalho, chamou a imprensa local (FERRER, 2014). Mas, mais adiante, Ferrer se mostra descontente com a imprensa que tende a exagerar ou a distorcer seu trabalho. Segundo ele, isso acaba se tornando, de certa forma, danoso para o que, de fato, a *Escuela* estava se propondo a fazer.

O *Boletín de la Escuela Moderna* então passou a ser publicado e abriu espaço para que as alunas e alunos, assim com a equipe docente da *Escuela* pudesse publicar seus trabalhos, reflexões, pensamentos - sobre os mais diversos assuntos. Também serviu de propaganda da *Escuela* de suas atividades. Acabou servindo com um espaço de ação pedagógica tanto para as alunas e alunos, quanto para as suas famílias e para a comunidade. Em resumo, no boletim

eram inseridos nele os programas da escola, notícias interessantes da mesma, dados estatísticos, estudos pedagógicos originais de seus professores, notícias dos progressos do ensino racional no próprio país ou em países diferentes, traduções de artigos notáveis de revistas e periódicos estrangeiros em concordância com o caráter predominante da publicação, resenhas de conferências dominicais e, em último lugar, os avisos dos concursos públicos para completar nosso professorado e os anúncios de nossa Biblioteca (FERRER, 2010: 73).

Mas, segundo Ferrer, o que mais conquistou as leitoras e leitores do *Boletín* foram os trabalhos dos estudantes. Estes trabalhos eram frutos do choque da realidade e do estímulo dos professores e das leituras propostas por estes para promover atitudes reflexivas nos alunos. Fossem em pequenas notas ou redações, Ferrer destaca que o resultado sempre tangia a “assuntos filosóficos, políticos ou sociais de importância” (idem, ibem). Mas, sobretudo, as produções eram tanto de meninas quanto de meninos, o que mostrava que não havia diferenças intelectuais entre os sexos, argumento que justificava, implicitamente, a importância da coeducação de gêneros.

Quando “O Início” surgiu, em 1914, apesar de não termos tido o acesso a primeira tiragem, percebemos que as publicações de n. 1 e n. 2 estavam preocupadas em publicar



textos e redações feitas pelos estudantes. No periódico n. 2, publicado no dia 4 de setembro de 1915, a partir da segunda página temos a seção dos “Exercícios Escolares”:

Na nossa Escola se realizam exercícios de composição e descrição, que são dados aos alunos, gradualmente, todas as semanas, afim de que eles aprendam, de modo prático, a escrever os seus pensamentos, a redigir cartas e a fazer descrições de objetos com a observancia da devida ordem classificativa e emprego de pontuação precisa. Para que os leitores se possam aquilatar do valor destes trabalhos, publicamos nesta secção alguns destes exercícios.

A seção é composta por duas páginas completas de pequenas composições escritas por alunas e alunos, identificados - mas, ainda nesse segundo número, sem suas idades -, com textos que tratam de pequenas narrativas sobre os passeios que realizavam como parte do programa pedagógico das Escolas, epístolas e descrições de objetos ou de ambientes - sala de aula, quartos, casas, enfim. Por estas pequenas composições, por exemplo, sabemos que uma prática comum às Escolas eram os passeios como parte das atividades educativas na qual as Escolas se propunham, inclusive que ambas as Escolas mantinham uma relação de “intercâmbio”, se assim podemos dizer:

#### NOSSA VISITA A´ ESCOLA N. 2

Sábado, dia 20 de junho de 1914, nós fomos visitar á Escola Moderna N. 2, daqual é professor Adelino de Pinho. Saimos daqui a uma hora, descemos à rua Saldanha Marinho e pegámos a Avenida Celso Garcia. Nela vimos dous carriteis grandes de canos para encanamento de gaz e mais dous pequenos, de arame grosso para a rêde elétrica. Eu vi também uma preta tocando viola na mesma avenida.

Depois chegámos ao jardim da Concordia e vimos o teatro Colombo. A´ frente dêle vimos belos anúncios de fitas cinematográficas. Dali nos dirigimos á Escola Moderna até ás duas e meia. Fomos bem recebidos.

Os meninos de là recitaram e cantaram e nós também fizemos a mesma cousa. O Professor Adelino de Pinho também recitou e nos fez uma saudação. Na volta o Carlos Lampo descontentou ao nosso professor, por que brigou com um pobre menino que estava distribuindo anúncios na rua. Foi bom o passeio. Eu gostei de ouvir os cantos e recitativos daqueles colegas.

PEDRO G. PASSOS.

Conservando a mesma preocupação de publicar os trabalhos de alunas e alunos, “O Início” n. 3, publicado quase com um ano de atraso, no dia 19 de agosto de 1916, tem composições dos alunos em todas as suas páginas - como o seu anterior, o periódico tinha 4 páginas. Agora, pequenas redações vinham identificadas com o nome e idade dos estudantes. O teor das composições eram praticamente os mesmos do número anterior - descrições e epístolas. Mas, na seção “Exercícios Vários”, um tema abordado foi sobre a Guerra - o mundo estava vivendo o horror da Primeira Guerra nesse período:

#### A GUERRA EUROPEA

Um destes dias conversava eu com um dos meus amigos sobre a guerra, e ele me perguntou:

- Qual é a tua opinião sobre esta guerra infernal?  
- Eu, meu querido amigo, que queres que eu te diga? O meu desejo é, em primeiro lugar, acabar com esses governadores, imperadores, reis, e finalmente com os burguezes de todas as classes, que são os causadores desta monstruosa catástrofe, na qual tantas pessoas inocentes morrem deixando suas famílias num mar de tristeza e desconsoações, como por exemplo acontece as famílias desses que foram d'aqui para aquelle tremendo matadouro. Deixaram aqui mulheres e filhos na mais espantosa das miserias. E porque? Para que? Para defenderem o que? - Nada!... Sómente para morrerem como cães naquele matadouro infernal, onde secumbem milhares e milhares de seres humanos por causa desses vagabundos de que já te falei. E' esta a minha opinião.  
S. Paulo, 9 de Agosto de 1916.  
JOÃO BONILHA (16 annos).

“O Início” coloca diante de nossa pesquisa pontos de evidência que o ensino racionalista era praticado no dia a dia das Escolas, como a abolição do sistema de provas, prêmios e castigos, além de um trabalho educacional voltado para meninas e meninos, ou seja, a coeducação dos sexos, como Ferrer chamava - tópicos que iremos discutir mais adiante.

A publicação das atividades escritas das alunas e alunos podem nos indicar que essa era uma forma de substituir a aplicação de exames e provas avaliativas. Tanto é que, a partir de 1917, “O Início” não seria mais publicado, dando lugar, em 1918, a publicação do “Boletim da Escola Moderna”; mas há uma preocupação, por parte da redação, de se voltar a publicar “O Início” devido a sua importância pedagógica:

*O Inicio*, publicação dos alumnos desta escola, que devia hoje reaparecer, ficou substituido pelo *Boletim da Escola Moderna*, em virtude de não ser possível a publicação dos dousjornaes, que embora pequenos, acarretar-nos-iam despesas além das possibilidades no momento actual.

Isso, porém, não impede de tornar a fazer-se a publicação d' *O Inicio*, mais tarde, quando as cousas melhorarem.

E é esse o nosso desejo, porque entendemos que os alumnostambem precisam de exercitar-se na imprensa, afim de se habilitarem para a luta do pensamento na sua cooperação para o progresso moral e intellectual da Humanidade.

Ahi fica, pois, a explicação (BOLETIM DA ESCOLA MODERNA, ano 1, n. 1, p. 4. 13 de Outubro de 1918).

Também nos chama a atenção para a presença feminina nos trabalhos escolares, indicando a prática da coeducação de gênero. Porém, das dezessete redações publicadas na edição n. 2 e das dezesseis publicadas na n. 3, três são de autoria feminina no primeiro caso e apenas uma no segundo caso<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup>“O Início”, n.2, p. 2 e p. 3, na seção de atividades descritivas, encontram-se os textos das alunas: Antonieta Morais (“Um passeio ao Jardim da Luz”), Virginia Cesare (“Nosso Pique-nique”) e Catarina

O “Boletim da Escola Moderna” tem sua primeira tiragem estreada “sob a sugestão da data de 13 de Outubro”, com uma “feição bastante modesta”<sup>5</sup>. A data, 13 de outubro, tornou-se emblemática e comemorativa para os anarquistas a partir de 1909 - foi nesta data que Ferrer foi fuzilado. Foi uma estreia comemorativa: a primeira página do novo jornal das Escolas trazia uma homenagem ao militante catalão, com um texto em que o próprio Ferrer defendia o ensino racionalista. Na segunda página, um pequeno artigo Pinho de Riga com o título “Francisco Ferrer”. As publicações seguintes também são lançadas em outras datas comemorativas: a de n. 2 no dia 18 de Março, data de comemoração da Comuna de Paris; a de n. 3, no dia 1º de Maio, dia do Trabalho.

Diferente de sua antecessora, o “Boletim da Escola Moderna”, nos seus três números, não publicou nenhum trabalho de seus alunos. Já na primeira edição notamos que agora os textos são de autoria de militantes simpáticos às Escolas ou ainda de autoria do próprio Adelino de Pinho e João Penteado. Todos esses textos estão se levantam em defesa ao ensino racionalista e ao papel da escola na sociedade. Ou seja, estes textos estão preocupados em difundir cada vez mais as ideias de Ferrer. Lado a essa propaganda de ideias, informações das próprias Escolas: balancetes, notícias das festas, cursos oferecidos, nomes de alunas e alunos matriculados. Essas informações também foram localizadas em “O Início”, mas a grande diferença é que o segundo periódico detalhou e dedicou mais espaços para elas.

Figura 4 Cabeçalho da primeira página de “Boletim da Escola Moderna”, n. 1, 1918.

**BOLETIM DA** PUBLICAÇÃO MENSAL  
Director **JOÃO PENTEADO**

**ANNO** N. 1  
S. Paulo, 13-10-918 **ESCOLA MODERNA**

**HOMENAGEM A FRANCISCO FERRER  
RACIONALISMO HUMANITARIO**

Hoje, dia em que se comemora o 9.º aniversário da morte do apóstolo da Humanidade, justo é que, estampando seu clichê, traslademos também, para estas columnas, o seu magistral artigo, cuja leitura recomendamos a todos aqueles que desejem saber

preconceito religioso, porque se bem que este seja um dos que mais se oppõem á emancipação intellectual dos individuos, não conseguiríamos só com isso a reparação da humanidade livre e feliz, posto que se concebe um povo sem religião e também sem liberdade.

Se a classe trabalhadora se libertasse do preconceito religioso e conservasse o da propriedade, tal qual hoje existe; se os operarios julgassem como certa a parábola de que sempre terá de haver pobres e ricos; se o ensino racionalista se contentasse com difundir co-

Fonte: edição digitalizada cedida ao autor deste trabalho pelo CEDEM/UNESP.

Bari (descrição sem título). “O Início”, n. 3, p. 2, encontra-se somente um pequeno descritivo, sem título, de Catarina Bari (11 anos).

<sup>5</sup>BOLETIM DA ESCOLA MODERNA, N. 1. Ano I, p. 2.

## Conclusão.

Esses jornais, que tanto sofreram pelas adversidades econômicas e políticas para se manterem vivas, nos trazem um outro dado, tão urgente e delicado quanto aos outros rastros e indícios que tentam sobreviver: esses jornais não deixam de ser testemunhas de militantes, operárias e operários, alunas, alunos, professoras e professores que fizeram parte dessa história, esquecida e que, nessa perspectiva, não tiveram o direito ao luto. “Onde estão todos eles?”, se questiona D. Jovina sobre os anarquistas perseguidos, presos e mortos na década de 1910; e ela mesmo responde: “Foram esmigalhados pela sociedade de consumo. E a gente se omitindo, faço parte dessa omissão. Xingar, chorar não adianta. Os que lutam por um mundo melhor são postos de lado, não conseguem nada” (BOSI, 1994: 291). Por isso, sem cair, contudo, em alguma morbidez, a narrativa de uma história marginalizada –uma imprensa que se levantou contra uma ordem e uma lógica dominante e que teve parte de suas memórias em ruínas -; o que aconteceu com tantas pessoas que compuseram essa história e que acabaram por cair no esquecimento?-(re)contar essa(s) história(s) nos faz, de certa forma, coveiros desses sujeitos sem luto. O coveiro é um artesão: um morto não é somente enterrado - sobre ele se faz um túmulo, a lápide, constrói-se um monumento; sobre ele registram-se palavras, epitáfios; sobre a sua cova, registram seu nome, seu ano de nascimento, de morte; sobre a terra que lhe recobre, faz-se um jardim em sua memória; mas esta narrativa pretende erguer uma lápide em memória àqueles que não tiveram direito ao luto. Ou seja,

[...] as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar o túmulo para aqueles que foram privados. Trabalho de luto que nos deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor viver hoje. Assim, a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, passa a ser verdadeiro<sup>6</sup> (GAGNEBIN, 2009: 47).

Nossa narrativa não deixa de ser uma atitude de *levante*, um gesto de sublevação em contraposição a tantas outras histórias oficializadas que colocam outras histórias à margem de um rio que, com sua correnteza, vem arrancando apenas pequenos fragmentos do que se perdeu em sua curva; porém, isso não significa que não há força naquilo que tenta sobreviver; ao contrário, ostensivamente tentam apagar sua força em meio ao turbilhão da história. Por isso, nossa narrativa é um levante não por ser uma atitude individual, pois um levante “são indivíduos que participam da ação, que tem uma forma e um sentido de ordem sociopolítica, mesmo que a figura do Estado não estejam engajados” (BUTLER *apud* DIDI-HUBERMAN, 2017: 23). Com isso, estamos dizendo que há outras na composição de nossa narrativa, tão essenciais para se compreender o contexto e a própria Escola Moderna, também fruto de um *levante*. Quanto aos vaga-lumes, parece que se encontram num “desespero não dialético”, ou seja, fundam-se num sentimento de “incapacidade em buscar novos vaga-lumes, uma vez que perderam de vista os primeiros [...]” (DIDI-HUBERMAN, 2011: 67).

## Bibliografia

---

<sup>6</sup>E, por isso, “[...] somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos” (BENJAMIN, 1994: 223).

AUGUSTO, Acácio y PASSETI, Edson 2008 (2008) *Anarquismo & Educação* (Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora).

BENJAMIN, Walter 1994 (1985) *Magia e Técnica, arte e política* (São Paulo: Brasiliense).

BOSI, Eclea 1994 (1979) *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (São Paulo: Companhia das Letras).

BUTLER, Judith 2017 (2017) *Levante* em DIDI-HUBERMAN, Geoge (org.) *Levantes* (São Paulo: edições SESC).

DIDI-HUBERMAN, Georges 2017 (2017) *Levantes* (São Paulo: edições SESC).

DIDI-HUBERMAN, Georges 2014 (2011) *Sobrevivência dos Vagalumes* (Belo Horizonte, MG: editora UFMG).

FERRER, Francisco 2014 (1905) *A Escola Moderna* (São Paulo: Editora Terra Livre).

PINTO, Levi Fernando L Vieira 2015 (2015) *Por uma educação musical libertária: possíveis contribuições para o ensino de música* (Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Artes da UNESP).

## JORNAIS E PERIÓDICOS

A Vida, 1914 – edição fac-simile

A Lanterna, 1914 – Ano XIII, nos. 955 e 958

Boletim da Escola Moderna, 1918 a 1919

O Início, 1914 a 1916

## ACERVOS

Unidade Especial de Informação e Memória (UEIM) – Universidade de São Carlos (UFSCAR). São Carlos, SP – Brasil.

Centro de Documentação e Memória (CEDEM) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). São Paulo – Brasil.

Centro de Memória da Educação (CME) – Universidade de São Paulo (USP). São Paulo – Brasil.